

Capoeira Angola como um modo de vida

KWAME YONATAN POLI DOS SANTOS*

Resumo: A Capoeira Angola é uma luta nascida no Brasil colonial como desdobramento do desejo de libertação dos africanos escravizados. O trabalho que segue é uma reflexão, com base na filosofia afroperspectivista, sobre a liberdade e a produção de modos de vida que constituem a Capoeira Angola. Buscaremos escrever sobre ela a partir da maneira como se opera: movimentação, jogo, roda e musicalidade. A questão central do texto é defesa da Capoeira Angola como um modo de produção do conhecimento, especificamente, o conceito de liberdade. A proposta aqui colocada é uma pesquisa de um olhar de dentro de quem joga capoeira; assim, entramos em disputa por formas de se conhecer e produzir saberes na colonialidade ou, como dizemos na capoeira, estamos jogando na grande roda da vida, na qual não importa quem é o vencedor, mas sim o que se perde quando jogamos para aniquilar a diferença.

Palavras-chave: Capoeira Angola; Colonialidade; liberdade; diferença.

Capoeira Angola as a way of life

Abstract: Capoeira Angola is considered a martial art born in colonial Brazil, created by enslaved Africans as an unfolding of the desire to attain freedom. In this paper, we engage in a reflection based on the Afroperspectivist philosophy of freedom and the production of ways of life within the Capoeira Angola. In this sense, we present Capoeira Angola from the perspective in which it operates: movement, play, *roda* and musicality. The central question of the text is the defense of Capoeira Angola as a way of producing knowledge, specifically, the concept of freedom. In order to respond to it, we narrate Capoeira Angola looking from the inside; thus, we fight for ways of knowing and the production of knowledge in coloniality; because, as we say in *capoeira*, we are playing in the great wheel of life, it does not matter who is the winner, but, instead, what we lose when we play to annihilate the difference.

Key words: Capoeira Angola; coloniality; freedom; difference.



* KWAME YONATAN POLI DOS SANTOS é psicanalista, doutorando da PUC-SP, bolsista Capes e capoeirista do grupo Angoleiros do Sertão.

Iê, viva os Angoleiros do Sertão

Ao longo da história da filosofia ocidental muito se escreveu sobre o conceito de liberdade. Neste trabalho, realizamos uma contribuição sobre o tema, sob a perspectiva da Capoeira Angola como um modo de vida libertário. Além de uma forma de produção de conhecimento, defendemos que ela é uma investigação a partir do saber do corpo (ROLNIK, 2018), sobre o exercício da liberdade no regime da colonialidade que pode produzir um modo de vida.

Para tal tarefa, praticaremos xenofilia com vários saberes (NOGUERA, 2011), beberemos de várias fontes além das eurocêtricas, sem descartar os diálogos que nos auxiliam. Nesse sentido, Spinoza (2019), no livro *Ética*, apresenta uma noção de liberdade que não é a do livre arbitrar sobre as coisas, mas está ligada ao conhecimento das causas materiais que nos constroem; nessa concepção, a liberdade só existe quando há condições.

A liberdade para Spinoza (2019) não é do livre arbítrio, julgamento, mas liberdade é aquele que pode efetuar sua potência, uma avaliação singular de como através de um tipo de vida é possível obter a liberdade.

A Capoeira Angola é uma luta nascida no Brasil do desejo de libertação dos africanos escravizados, quando estes lhe têm arrancadas suas referências de mundo (cultura, religião, território, família etc.) e quando, no início do século XIX, a população negra tem suas manifestações culturais criminalizadas, sendo assim forçada a inventar diferentes formas de sobreviver com as ferramentas que tinham (TEXTOS DO BRASIL, 2008).

Nesta perspectiva, a Capoeira Angola se camuflou em dança, jogo, porém buscou guardar o caráter de luta pelas condições de exercício da liberdade. Então, a

premissa central para se reconhecer esse desejo, as condições do exercício da liberdade e o valor do modo de vida que ele produz, é adentrar no universo da roda, musicalidade, movimentação e filosofia. Portanto, este trabalho é um desdobramento da filosofia afroperspectivista (NOGUERA, 2011) a partir da prática da Capoeira sobre a produção de modos de vida nela presentes. Segundo Renato Noguera,

[a] afroperspectividade consiste no solo pré-filosófico, a terra, a desterritorialização, a fundação, os elementos sobre os quais os conceitos são assentados. [...] o planômeno afroperspectivista é o terreiro, a roça, a roda, um lugar feito para dançar, para consagrações imanentes, um plano onde as entidades emergem, baixam e os movimentos d'angola se encontram. O planômeno afroperspectivista se assemelha mais à roda do que à bandeja – termo usado por Deleuze –, sua peculiaridade está assentada em ritmos que emanam de territorializações, desterritorializações e reterritorializações de consistências africanas, africanizantes e africanizadas. (NOGUERA, 2011, p. 8)

Acreditamos ser fundamental para pesquisa como esta ser realizada a partir de um conhecimento prático. Desse modo, entramos em disputa sobre formas de conhecer e produzir saberes entendendo que, para falar sobre a capoeira, é preciso adentrar seu universo. Aqui escrevemos sobre a Capoeira Angola a partir do território onde ela acontece, isto é, ginga, mandinga, jogo, musicalidade etc., defendendo e seguindo a tradição da transmissão oral de algumas epistemologias das matrizes africanas.

Em alguma medida, dialogamos com a extensa literatura produzida sobre a capoeira; mas priorizamos o conhecimento transmitido pelo diálogo com os mestres de capoeira, especialmente o Mestre Claudio, de Feira de Santana no estado da Bahia, o qual apresentamos adiante. Assim, acreditamos ser mais coerente com a própria proposta da Capoeira Angola. Além disso, ampliamos a discussão sobre como o conhecimento é produzido para além das epistemologias eurocêntricas, ao mesmo tempo que dialogamos com a filosofia de Spinoza (2019), o conceito de saber do corpo de Suely Rolnik (2018) e a pragmática pulsional, de João Perci Schiavon (2012), que enriquecem a perspectiva apresentada.

A história da Capoeira Angola

A Capoeira Angola resgata a influência da cultura dos povos africanos que foram escravizados no Brasil, no sentido de positivar suas estratégias de r(e)xistência à colonialidade. A capoeira se arvora no Brasil através dos povos africanos escravizados. Ela nasceu do embate dessas pessoas por uma vida e se desenvolveu como um conceito de liberdade, pois é um campo de batalha, uma luta para a emancipação real e de afirmação pelo direito de existir, apesar do colonialismo que tenta sequestrar (ROLNIK, 2018) nosso axé até os tempos atuais de diferentes maneiras.

O axé é impressão de energia vital de cada ser (RUFINO, 2017), é o vivente que corre em tudo ao redor, é o elã das nossas vidas. Na filosofia de Spinoza (2019), seria correspondente a ideia de potência, que é o mesmo que nossa própria Natureza; e na psicanálise, é semelhante ao conceito de pulsão, uma força que se encontra entre o somático e o psíquico, avaliadora de outras perspectivas (SCHIAVON, 2012).

Capoeira Angola é ginga do corpo no ritmo dos berimbaus, pandeiros, agogô, reco-reco e tambor; trata-se fundamentalmente de botar pra gerar o axé. É por meio do exercício da movimentação do axé que se muda as condições materiais daquilo que se tenta escravizar. Na Capoeira não faz sentido haver um manual de como jogar, não há distinção entre o conhecimento, método e prática. Capoeira Angola só é aprendida por meio do corpo em movimento, seu exercício ensina sua filosofia, na repetição que sempre guarda uma diferença a ser exercida. Sua teoria está inscrita na movimentação básica: negativa, rabo-de-arraia e au.

O surgimento da Capoeira Angola se dá justamente em meio ao contexto de tentativa de desumanização dos povos africanos, que mesmo assim conseguem r(e)xistir.

Apesar do terror e da reclusão simbólica do escravo, ele ou ela desenvolve compreensões alternativas sobre o tempo, sobre o trabalho e sobre si mesmo. Esse é o segundo elemento paradoxal do mundo colonial como manifestação do estado de exceção. Tratado como se não existisse, exceto como mera ferramenta e instrumento de produção, o escravo, apesar disso, é capaz de extrair de quase qualquer objeto, instrumento, linguagem ou gesto uma representação, e ainda lapidá-la. Rompendo com sua condição de expatriado e com o puro mundo das coisas, do qual ele ou ela nada mais é do que um fragmento, o escravo é capaz de demonstrar as capacidades polimorfos das relações humanas por meio da música e do próprio corpo, que supostamente era possuído por outro. (MBEMBE, p. 30. 2018)

A Capoeira Angola foi uma das maneiras com que os escravizados combinaram de não morrer simbolicamente. Ela produziu

existência por meio da luta contra esse regime de opressão, como uma prática de libertação das mais diversas formas de escravização do nosso axé. Foi uma forma das pessoas escravizadas recuperarem sua humanidade aniquilada pelo sistema escravocrata (TEXTOS DO BRASIL, 2008).

O grupo Angoleiros do Sertão de Feira de Santana (BA)

Na Capoeira Angola, meu apelido é Nativo. Sou aluno e faço parte do grupo Angoleiros do Sertão, um grupo fundado na década de 1980 por Mestre Claudio Costa, nascido e criado na região rural da Mantiba de Feira de Santana (BA).

Treinel é o termo utilizado para o aluno que tem um trabalho consolidado de ensino da capoeira e um estudo sobre movimentação e musicalidade, é uma graduação que indica um compromisso com a Capoeira Angola, o próximo degrau é contra-mestrea.

Já o mestre de capoeira é como um *Griot*, alguém responsável por preservar as bases e semear os fundamentos da Capoeira Angola, são transmissores de uma cultura, enciclopédias de uma sociedade. Nesse sentido, é o mestre Cláudio quem, desde a Bahia, guia o grupo dos Angoleiros do Sertão de São Paulo.

O grupo busca disseminar os fundamentos da Capoeira Angola tanto através da história oral, quanto de sua linguagem corporal e musical, como forma de transmissão desse exemplo vivo e atual da tradição afro-brasileira, herdeira da diáspora africana no Brasil. Atualmente, os Angoleiros do Sertão possuem núcleos em diversas cidades do Brasil e da Europa.

O núcleo paulistano do grupo Angoleiros do Sertão iniciou suas atividades em abril de 2012, na Fábrica de Cultura Vila Nova Cachoerinha, situada na periferia da zona

norte da cidade de São Paulo. Lá, o Treinel Coragem se dedicou à transmissão da Capoeira Angola durante cinco anos consecutivos, até dezembro de 2017. Desde 2014, o núcleo paulistano dos Angoleiros do Sertão também se reúne semanalmente no Centro Cultural da Cidade de São Paulo e informalmente ocupa seus espaços para treinar capoeira com o Treinel Coragem. Além disso, o grupo realiza rodas mensais de Capoeira Angola, no último domingo de cada mês, na Avenida Paulista – um dos principais pontos da cidade –, desde que esta se constituiu como espaço de cultura e lazer para a cidade.

Mestre Cláudio dos Angoleiros do Sertão começou a capoeira na roça, quando criança, vendo seus tios jogarem capoeira e fazerem berimbau. O fator determinante na sua trajetória de capoeira foi quando acompanhava sua mãe, que vendia acarajé na feira, e assistia rodas de capoeira. Mestre Cláudio é um poeta do mato que escreve não só com a caneta e o papel, mas com o som do berimbau, como diz sua ladainha:

Quando alguém me pergunta quem
eu sou
A resposta eu lhe dou de imediato
Eu sou um velho poeta de lá do mato
Cantador que ninguém nunca ganhou
Eu carrego comigo aonde eu vou
A viola que é minha patente
Até hoje nem covarde nem valente
Conseguiu encarar o meu trator
Eu sou chibata que doma cantador
Que quer ser ousado aonde eu tô
Camaradinho!

O Mestre Cláudio sempre faz três perguntas simples aos seus alunos que sempre retornam: “O que você quer com a capoeira?”, “Por que está na capoeira?”, e “Onde você quer chegar com a capoeira?”. A essas perguntas acima, acrescento uma quarta: “A Capoeira Angola enquanto um conhecimento que vive nos grupos, uma ancestralidade que

se atualiza por meio dos/as capoeiristas, o que ela quer de nós, praticantes?”. São também essas perguntas, especialmente esta última, que motivam este texto.

A r(e)xistência à colonialidade

Conheci a capoeira enquanto cursava a faculdade de Psicologia, com o Contramestre Xandão ((hoje do grupo "Angoleiros do Interior"), em Assis, cidade do interior do estado de São Paulo. Certo dia, eu passava apressado perto da roda, ouvi um berimbau, arrepiei, sentei na roda e de lá nunca mais sai. Isso foi há mais de dez anos. O som do berimbau havia me convocado.

A Capoeira existe há mais de três séculos: “Mãe África engravidou em Angola/ Partiu de Luanda e de Benguela/ Chegou e pariu a capoeira no chão do Brasil, verde e amarela/ É de Angola” (TEXTOS DO BRASIL, 2008). Como diz o canto corrido da Capoeira, “não vi capoeira nascer, ouvi os mais velhos falar”. A maior parte da transmissão dos seus ensinamentos não se dá pela escrita, mas pela via história oral e, principalmente, pelo resgate do saber do corpo (ROLNIK, 2018). Isto é, o seu segredo está na aparente simplicidade da sua movimentação, por meio do simples existe um conhecimento ancestral de complexidade lapidado ao longo dos séculos que visa a manutenção do conceito de liberdade apesar do cativo que foi imposto pelo sistema escravocrata.

O saber do corpo é um pensamento a altura do plano da vida, como ensina Spinoza (2019), a vida não deseja outra coisa que não perseverar. Nesta perspectiva, a Capoeira Angola é uma pragmática de preservação do axé, o vivente em nós um exercício de r(e)xistência.

Vejo na capoeira uma forma de linguagem da r(e)xistência, r(e)xistir é

resistir, sobreviver às adversidades e seguir criando, afirmando a vida. Portanto, r(e)xistir é um conceito de afirmação da perspectiva da diferença absoluta perante a herança colonial, pois, como aprendemos na Capoeira Angola, só se aprende com o diferente, pois ele é o princípio de tudo e o que nos une. O que seria, então, a perspectiva da diferença?

Conta-se nas religiões de matriz africana a história oral que Exu passou no meio de duas aldeias com um gorro em que cada lado tinha uma cor diferente, azul e vermelho. Cada aldeia só conseguia ver uma cor do gorro, uma aldeia defendia que o gorro era azul, já, a outra, que era vermelho. Embora alguns interpretem que Exu queria semear a discórdia, defendemos que ele ensinava o que é a perspectiva da diferença. Não é oposicional, no sentido de que só há espaço para o pensamento binário, ou o gorro era azul, ou era vermelho; as duas aldeias estavam certas, pois a perspectiva da diferença é pluralista.

Os cinco séculos de destruição das diferentes culturas não-europeias desarranjaram horizontes desejanos onde a perspectiva sobre a diferença poderia emergir. Nesse sentido, a colonialidade é toda uma formação social investida para a necropolítica (MBEMBE, 2018). Segundo Achille Mbembe (2018), necropolítica é o absurdo perpétuo do governo da morte e do desaparecimento de corpos, resultado da matriz colonial-escravocrata. Mesmo após a abolição do regime escravocrata no final do século XIX, restou uma questão a todas as populações que sofreram com ele, inclusive à brasileira, mas não só a negra: quais seriam as possibilidades de modo de existir dentro de uma sociedade que preserva suas relações coloniais-escravocratas? Como diz a ladainha do

Mestre Moraes do Grupo de Capoeira Angola Pelourinho (GCAP),

A história nos engana
Diz tudo pelo contrário
Até diz que abolição
Aconteceu no mês do maio
A prova dessa mentira
É que da miséria ou não saio
Viva vinte de novembro
Momento para se lembrar
Não vejo no treze de maio
Nada para comemorar
Muitos tempos se passaram
E o negro sempre a lutar
Zumbi é nosso herói
Zumbi é nosso herói, colega velha
Do Palmares foi senhor
Pela causa de homem negro
Foi ele que mais lutou
A pesar de toda luta, colega velha
O negro não se libertou, camara.

Entre as várias razões da importância dada a celebração do 20 de novembro, duas me parecem mais relevantes: é o dia de celebrar a história dos vários quilombos e movimentos de r(e)xistência que foram ocultados na história oficial, enfrentando assim o racismo epistêmico (CARNEIRO, 2005); por outro lado, é dia de perceber que a abolição do regime escravocrata no sentido produtivo não significou até hoje a extinção das relações de colonialidade, a qual continuou no aspecto estruturante da sua reprodução material das relações sociais (SAFATLE, 2020).

O Brasil perpetua as relações sociais de um sistema escravocrata ontologicamente binário, onde há uma separação entre aqueles que podem alcançar a condição de sujeitos, cidadãos, os corpos que importam e os escravizados que viraram sub cidadãos, aqueles matáveis, corpos objetificados; em outras palavras, há aqueles que podem acessar a Casa Grande e aqueles que são números, que morrem cotidianamente nas periferias. Portanto, a escravidão é constituinte da formação

nacional brasileira, o nosso *modus operandi* é a *plantation*¹: “Nunca entenderemos a história do Brasil se não compreendermos os tipos de violência que funda seu Estado. Pois entender como o Estado brasileiro funciona é entender como ele administra o desaparecimento e o direito de matar.” (SAFATLE, 2017).

Não é possível analisarmos a aberração que é a nossa desigualdade social desvinculada de uma perspectiva histórica do nosso passado colonial. Assim sendo, é preciso olhar para nossa formação social com o cuidado de reparar que o Brasil sempre foi um Necro-Estado (SAFATLE 2020), tendo como principal função a organização da morte visando a manutenção dessa estrutura de contínua degradação da vida da maioria da população negra. O filme *Eu não sou seu negro* (*I Am Not Your Negro*, 2016), baseado no livro inacabado de James Baldwin e com produção de Raoul Peck, narra sobre como não é possível discriminar, invisibilizar, humilhar, xingar, encarcerar e escravizar alguém sem se tornar algo monstruoso; e é sobre essas monstruosidades que precisamos nos debruçar pois se referem a modos de vida. Nesse sentido, a Capoeira Angola vai além de uma luta, mas uma filosofia que nos instrumentaliza para enfrentar processos de desumanização que estão presentes na nossa sociedade até os dias atuais.

Aprendendo a escutar a diferença com os olhos

A capoeira permite uma leitura micropolítica do saber do corpo (ROLNIK, 2018) através do jogo com o outro. A principal arma no jogo de capoeira é escutar com os olhos, sendo a

¹ Em inglês, o termo *plantation* se refere ao trabalho escravo africano usado extensivamente como mão de obra nas plantações de tabaco, arroz, algodão e de açúcar nas colônias das Américas, Caribe, África.

movimentação secundária; ou seja, ela vem depois do olhar o outro, a si mesmo e o contexto, sentir a intenção do outro, a sua e o que o berimbau está cantando, a bateria é o terceiro jogador. Nesta perspectiva, podemos dizer que as movimentações de Capoeira Angola são conceitos filosóficos ressignificados a partir da perspectiva de matriz africana, isto é,

denegrir é um conceito filosófico afroperspectivista que significa enegrecer, assumir versões e perspectivas que não são hegemônicas, considerar a relevância das matrizes africanas para o pensamento filosófico, investigar em bases epistêmicas negro-africanas, dialogar, apresentar e comentar trabalhos filosóficos africanos, abordar filosoficamente temáticas como: relações etnicorraciais, epistemicídio dos saberes de matriz negro-africana, racismo antinegro, branquitude e hegemonia dos parâmetros ocidentais no âmbito político e estético. (NOGUERA, 2011, pp. 15-16)

Esse deslocamento da epistemologia ocidental é necessário para bebermos de outras cosmovisões além das eurocêntricas, outros modos de vida e outras perspectivas de mundo que nos foram afastadas pelo racismo epistêmico, em que se diminui, menospreza, ou até apaga matrizes africanas de conhecimento (CARNEIRO, 2005). Dessa forma, a Capoeira Angola é uma luta de r(e)xistência contra opressão e, também, uma perspectiva de mundo, uma forma de produzir conhecimento com o corpo, uma semente dos diferentes povos africanos que cresceu no Brasil.

Portanto, o trabalho empregado neste texto é de uma escrita com tinta negra que escurece o pensamento, como quando na luz da Lua enxergamos com nossa visão noturna que se perdeu com tanta

clareza. Acreditamos ser preciso alargar as bases científicas para que elas não se tornem um espaço de exercício de poder, logo, de paralisia. A Capoeira Angola como uma filosofia é a defesa da diferença do pensamento que nos constitui, é cartografar uma produção de saber do corpo.

Os capoeiristas que na roda de capoeira Angola palmeiam o solo, com chapas e martelos são capazes de imprimir aos movimentos uma graça que o jogo de chão ganha quando o cansaço deixa as camisas amarelas ensopadas de novas ideias. É importante frisar que num episódio deste tipo, as ideias não são abstrações, nem realidades transcendentais; mas, movimentos corporais, traços relacionais que constituem personagens conceituais. (NOGUERA, 2011, p. 12)

Na roda de capoeira é preciso aprender a escutar com os olhos, não existe um jogo igual ao outro, cada encontro é singular, conta uma narrativa dessa diferença e ensina algo sobre ela, mas para isso é preciso aprender a escutar com os olhos. Diz-se que na roda de capoeira os diferentes se encontram para produzir um diálogo, sendo ela uma linguagem.

Mestre Pastinha, um dos maiores expoentes da Capoeira Angola, dizia que Capoeira é um jogo de pergunta e resposta, onde se pergunta respondendo e se responde perguntando, de modo a se deixar movimentar não pelo racional, mas pelo saber do corpo, ou melhor, pela ginga da alma.

Para fins de enegrecimento, cabe o exemplo da ginga. A ginga é um conceito que nasce de personagens conceituais com traços dinâmicos e traços relacionais. Gingar é rodopiar, dançar, fazer movimentos em círculos com os pés e com o corpo. Mas, gingar também é o movimento do samba transubstanciado para os

gramados do futebol, porque de posse da bola, a ginga vira drible. O drible é a linha de fuga que o personagem conceitual jogador de futebol negro precisou inventar para sobreviver às faltas dos jogadores brancos. Cabe escrever o que está na oralitura. Por meio da transmissão oral circula até hoje que os árbitros de futebol da primeira metade do século 20 (eram majoritariamente brancos) e, por razões que não cabem aqui desenvolver, não marcavam as faltas que os jogadores brancos faziam em jogadores negros (pretos e pardos). Numa ligeira e rasteira genealogia, o personagem conceitual jogador de futebol negro precisou inventar uma linha de fuga para escapar das faltas dos outros jogadores brancos. Com isso, dentro das quatro linhas do futebol foi preciso nascer o conceito de drible. Este conceito é criado a partir de traços relacionais dos personagens conceituais. (NOGUERA, 2011, p. 13)

Um dos primeiros aprendizados da Capoeira Angola é a ginga, ela é a expressão do axé do capoeirista, ela toca diretamente na relação com a perspectiva da diferença. Se um soube escutar com os olhos, em outras palavras, traduz a intencionalidade presente na movimentação do oponente, uma vez que pela ginga já é possível descobrir qual a proposta do outro, de brincar capoeira, de um jogo violento etc.

A roda é um território onde correm as intensidades, um espaço aberto onde pode parecer que se joga com alguém inocente; porém, pode ser a mandinga do capoeirista. “Minha mandinga eu não dou pra ninguém”, diz o cântico.

Conforme a tradição passada oralmente através das muitas gerações de capoeiristas, a mandinga pode ser vista como uma estilística da existência, a forma como o axé pode ou não ser expresso, a mandinga é o plano comum

que toca o singular, pode se dizer que um capoeirista é mandingueiro, isto é, que joga nessa zona comum onde se cartografa o jogo e permite o outro jogar. Quanto mais mandiga, maior são as possibilidades dentro do jogo. Desse modo, defendemos que capoeira é uma luta, porém é importante entender que a sua potência está na sua capacidade múltipla de não ser necessariamente um combate físico.

Conclusão

O sistema escravocrata, negócio lucrativo para alguns, foi um incêndio que queimou milhares de etnias, culturas, epistemologias e modos de existências. Em parte, ainda andamos sob suas cinzas, seus escombros e suas ruínas. Ele ainda nos arruína, pois se faz presente ainda hoje nas mais diferentes relações de poder, seus efeitos atravessam o campo social em sua totalidade. Nesse sentido, o presente texto os convida a conhecer a Capoeira Angola naquilo que ela guarda de possibilidade de descolonização da vida, ou seja, de relação (in)visível com a liberdade, seja na sua proposta de outros modos de vida de r(e)xistência, seja na necessidade de gerar axé para existir. Para se descolonizar é preciso rever as bases epistemológicas onde nasce o pensamento, por exemplo, na relação com o tempo, o jogo de capoeira começa devagar, pois um jogador estuda o outro; um bom capoeirista se conhece não pela técnica, mas pelo olhar.

O Mestre Claudio sempre diz, “na roda, como na vida, é preciso aprender a ver”. Isso significa que ver não é apenas observar passivamente, é imaginar com o corpo, ou como diz outro poeta, Manoel de Barros, “o olho vê, a lembrança revê, a imaginação transvê” (BARROS, 1996). Portanto, a capoeira foi uma invenção para se inventar uma liberdade mesmo no regime mais sanguinário da história da humanidade, indo além das opressões

visíveis e visando enxergar um horizonte de liberdade que ainda iria nascer. Nesta perspectiva, viver na mandinga é criar o comum para que possam emergir linhas de singularização, dentro dessa zona de passagem onde é possível se diferenciar, criando uma Capoeira Angola para mulheres, homens, crianças, jovens, idosos etc.

Por conseguinte, os efeitos do regime escravocrata em nossa realidade social não têm como ser efetivamente superados sem um trabalho voltado para o lugar da diferença que nos une em roda. Se a Capoeira Angola contribui enquanto filosofia que produz outros modos de existir no mundo; por sua vez, ser capoeirista hábil é ser quem vadeia na perspectiva da diferença, quem se torna uma potência de acontecer, quem bebe direto da fonte. O que, então, quer a Capoeira Angola de nós?

Capoeira é uma linguagem da descolonização e, como tal, ela visa sempre uma expressão singular, que por si só já é um exercício da r(e)xistência. Nesta perspectiva, a Capoeira quer de nós a liberdade do exercício da potência ainda que exista toda opressão da colonialidade. Logo, faz-se necessário conhecer singularmente as condições para o exercício da liberdade, “para botar para gerar o axé” é preciso cuidar dessas condições que diminuem ou aumentam nossa potência de existir. Capoeira Angola é uma forma de invenção da liberdade, um modo de vida sobre gerar axé, essa malha de produção de sentido, tecido de nossas vidas.

Referências

ANZALDÚA, G. **Boderlands/La frontera: the new mestiza**. San Francisco: Spinters/Aunt Lute, 1987.

BARROS, M. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record; 1996.

EU não sou seu negro (*I am not negro*). Direção de Raoul Peck. França, Estados Unidos da América e Bélgica: Magnolia Pictures Amazon Studios, 2016 (96 min.).

CARNEIRO, A. S. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. **Tese** (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NOGUERA, R. Denegrindo a filosofia: o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivistas, **Griot: Revista de Filosofia**, Amargosa, Bahia, Brasil, v. 4, n. 2, p. 1-19, 2011.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RUFINO, L. Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas. 2017. **Tese** (Doutorado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

RUFINO, L.; SIMAS, L. A. **Fogo no Mato**: a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SAFATLE, V. **Bem-vindo ao estado suicidário**. São Paulo: n-1, 2020.

_____. Governar é fazer desaparecer. **Revista Cult**. São Paulo. n. 225, jul./2017. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/vladimir-safatle-governar-e-fazer-desaparecer/>>. Acesso em: nov. 2020.

SCHIAVON, J. P. Pragmatismo pulsional: Clínica psicanalítica. 2012. **Tese** (Doutorado em Psicologia Clínica) - Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

SPINOZA, B. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

TEXTOS DO BRASIL. Capoeira. Brasília: Teixeira Gráfica Editora, v. 14, 2008. CD-ROM.

Recebido em 2020-07-12
Publicado em 2021-05-01